

40 anos de vida

Comemoramos os 40 anos passados desde a fundação da APM em 1986. Assistimos nestas quatro décadas a mudanças fundamentais na profissão, que consolidaram os modos de ser professor, aprofundaram métodos inovadores de ensinar matemática e reforçaram a intervenção pública na defesa de uma melhoria do ensino da disciplina. Para celebrar a efeméride, a equipa editorial da revista criou uma secção própria que, ao longo deste ano, evocará temas, acontecimentos e pessoas que influenciaram e influenciam decisivamente a vida associativa.

Fui convidado para acompanhar esta iniciativa e, em conjunto com a equipa, identificámos quatro vertentes muito relevantes na génese e na formação identitária da associação e que ainda hoje estão no centro da procura de um ensino de qualidade. Ordeno-as aqui segundo o nome dos que aceitaram escrever sobre elas, ordem essa que não reflete necessariamente a de publicação dos respetivos textos.

Em primeiro lugar, destaca-se a afirmação da Associação como um ator na decisão curricular, quer junto das entidades oficiais, quer junto de outros interlocutores, dando corpo às tendências de inovação que já então percorriam a vivência docente. A fundação da Associação também contribuiu decisivamente para a consolidação da identidade profissional dos professores de Matemática e dos que integram a matemática nas suas atividades de ensino, nomeadamente dos professores dos níveis iniciais de escolaridade. A Alexandra Rodrigues desenvolveu esta primeira vertente e o seu trabalho integra este número.

Em segundo lugar, a busca de formas distintas de entender a matemática, nomeadamente através da resolução de problemas, imaginada como uma oportunidade para aprofundar um ensino por descoberta capaz de motivar os alunos, alternativo a uma visão abstrata e formal assente na linguagem e na lógica. A reflexão sobre esta alternativa à matemática estruturalista dos programas anteriores à década de 1990 e sobre a sua relevância atual competirá ao António Borralho.

A procura de modos de integração no quotidiano escolar de meios tecnológicos sempre em evolução acelerada, procurando dotar o ensino com ferramentas poderosas que permitam a melhoria da qualidade das aprendizagens, é bem atual e já fazia parte dos temas em destaque na época da fundação da APM. Esta terceira vertente será explorada pelo António Domingos.

Finalmente, o aprofundamento do recurso a materiais manipuláveis, estruturados ou não, desenvolvendo alternativas

didáticas que baseiem a matemática escolar em experiências com o concreto e relacionadas com a vida quotidiana, tema que também é património da nossa associação desde o seu início, constitui a última vertente que caberá ao Rui Candeias.

Estas quatro vertentes foram muito relevantes há 40 anos e, curiosamente, permanecem plenamente atuais. Assim, os artigos recordarão como cada uma esteve presente nos primórdios da Associação, abordarão os modos como foram evoluindo e destacarão a sua atualidade. 40 anos depois, estas vertentes aprofundaram-se e, juntamente com a formação profissional docente, são hoje indissociáveis do que constitui a identidade da Associação e do que significa hoje ser professor de Matemática.

Estes artigos são acompanhados por outros de reflexão sobre a história e vida da nossa associação.

A APM nasce num contexto de grande preocupação com as condições de ensino e aprendizagem que decorriam em escolas sobrelotadas e com poucos professores qualificados. A estes problemas acresciam, no caso da matemática, as dificuldades criadas por programas centrados na linguagem e na lógica, privilegiando as dimensões mais abstratas e formais da matemática, que encantavam os teóricos, mas que tinham uma relevância discutível e se revelavam difíceis de ensinar pelos professores e de aprender pelo largo espetro de alunos que frequentava a escola.

Como dizia Camões, “todo o mundo é composto de mudança” e, assim, cada época traz os seus desafios. Uns, como a carência de professores qualificados, que parecia ter sido resolvida, regressou em força. Outros, como a necessidade constante de integração da tecnologia, ou a aspiração de uma escola para todos, permanecem, tomando embora “novas qualidades”, no caso da tecnologia, as decorrentes da inovação tecnologia e da inteligência artificial e no da inclusão escolar as provenientes de uma população escolar muito mais diversa e, portanto, com necessidades distintas das de há 40 anos.

Como convém numa comemoração, termino numa nota positiva e de esperança. Reinterpretando Camões, e seguindo José Mário Branco, espero que “se todo o mundo é composto de mudança”, a APM lhe saberá “trocar as voltas que ainda o dia é uma criança”.

JOSÉ MANUEL MATOS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA